
Reflexões sobre a ecologia e as poéticas de um desvio

Reflections on Ecology and the Poetics of a Veering

Reflexiones sobre ecología y las poéticas de una desviación

Léo Karam Tietboehl (*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*) *

<https://doi.org/10.22409/poiesis.v21i36.41024>

263

RESUMO: Este artigo pretende pensar as aproximações entre os desvios de uma poética e uma proposição ecológica. Para tanto, se utiliza do conceito de escuta, refletindo sobre as reverberações desta em um corpo, a partir da experiência de um poema e de suas ressonâncias afins ao funcionamento de um eco.

PALAVRAS-CHAVE: ecologia; poesia; desvio

* Léo Karam Tietboehl é psicólogo, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise - Clínica e Cultura (UFRGS) e membro do Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política (LAPPAP/UFRGS), da Utopian Studies Society e do Grupo de Pesquisa e Ecologia das Práticas (APPH). E-mail: leokt2@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2416-6649>

ABSTRACT: This article aims to think about the approximations between the veering of a poetics and an ecological proposition. For that, it uses the concept of listening, reflecting on the reverberations of it in a body, from the experience of a poem and its resonances related to the functioning of an echo.

KEYWORDS: ecology; poetry; veering

RESUMEN: Este artículo pretende pensar en las aproximaciones entre las desviaciones de una poética y una proposición ecológica. Para esto, utiliza el concepto de escucha, reflexionando sobre las reverberaciones de este en un cuerpo, a partir de la experiencia de un poema y sus resonancias relacionadas con el funcionamiento de un eco.

PALABRAS CLAVE: ecología; poesía; desviación

Recebido: 13/3/2020; Aprovado: 20/5/2020; Publicado: 1/7/2020

Citação recomendada:

TIETBOEHL, Léo Karam. Reflexões sobre a ecologia e as poéticas de um desvio. *Revista Poiesis*, Niterói, v. 21, n. 36, p. 263-284, jul./dez. 2020.
[<https://doi.org/10.22409/poiesis.v21i36.41024>]



Este documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC) © 2020 Léo Karam Tietboehl

Reflexões sobre a ecologia e as poéticas de um desvio

A deriva, técnica artística e política de experimentação da urbe esboçada coletivamente em 1958 pelo movimento da Internacional Situacionista, toma como elemento chave o caminhar cujo rumo não preexiste antes de seu acontecimento – possibilitando, ao funcionar desta maneira, a descoberta e a criação de espaços em uma paisagem urbana. Guy Debord, tomado como referência dessa proposta, observa:

Em uma deriva, uma ou mais pessoas renunciam durante certo período a suas relações, a suas atividades de trabalho e leitura – bem como a seus motivos usuais para movimentar-se e agir–; e deixam-se tomar pelas atrações do território e

pelos encontros que se dão neste contexto. O aleatório é um fator menos importante nessa atividade do que se poderia imaginar: desde um ponto de vista da deriva, as cidades têm contornos psicogeográficos de correntes constantes, pontos fixos e vórtices que contraindicam fortemente a entrada ou a saída de algumas zonas. (DEBORD, 1958, p. 59, tradução livre)

Muito mais do que um simples *deixar-se levar*, trata-se, nestes procedimentos, de buscar um caminhar atento às possibilidades de desvio e aos fatores que subrepticamente operam em uma cidade¹. Sugere-se ao itinerante em deriva que direcione seu olhar à meia-altura e estabeleça, no contexto em que colocar sua ativi-

dade, alguns elementos norteadores deste percurso. A aposta é a de que tais elementos, quando escolhidos por um conjunto de fatores contingencial, podem surtir um efeito *desnorteante*, fazendo entrever a um olhar que não mais se adequa a um plano do costumeiro, no qual os elementos da cidade, ainda que despercebidos, operam de uma forma ou de outra na maneira como a urbe se movimenta.

Mas podemos tomar a ideia de deriva por uma definição maior do que a do método proposto pela Internacional Situacionista. Não apenas com referência a esta maneira singular de habitar a cidade, a palavra *derivar* designa também o ato de promover um desvio – seja de um processo de percurso, ou de um encadeamento determinado, ou do olhar. Pelo desvio pode-se perceber aquilo que “já estava lá” e que não se evidenciava antes deste mesmo desvio.

Como Debord afirma, em uma deriva não se trata de propor um jogo suscetível e capturado, apenas, pelas intromissões aleatórias do acaso. Em função de uma disposição à mudança de perspectiva e de sentido (e aqui escolho colocar esta pala-

vra para que possamos nos remeter tanto aos sentidos de um percurso quanto aos de uma significação), a deriva aposta no desvelamento dos elementos que estavam, desde pronto, colocados em cena – mas que não tinham sido percebidos até um momento de encontro, de experiência singular².

soltar a palavra

da boca,

envio

em desvio

qualquer coisa

qualquer

que registre

(pelo menos

resiste)

267

palavra solta

salta

atenta

flutua

(nonada).

à espera,
a escuta
deixa
perceber
a imagem que
diante do olhar,
só-depois,
faz ver que
já-antes
algo se fazia
quase-pronto

268

(só que
ainda-não).

trata-se
aqui, agora
de furar a forma
abrir abismos
entre o que é
e o que poderia ser

(será que o que será
era pra ser,
no fundo,
o que antes
se disse que
seria?)

aqui, agora
pouco importa
o quando;
importa que
algo
foi

269

(algo,
entretanto,
registrarei)

e que
qualquer coisa
agora
é.

(al fin
y al cabo)

trata-se
da luta

270

(eterna
luta)

pela sobrevivência, contra
a impiedade de chronos
contra
a distância
que mostra
que não há encontro

(nunca há
encontro)

trata-se
de enfrentar
o fracasso
saber esperar
perder

(mesmo assim
tentar
chegar
perto)

271

e entender
que só se perde
porque o que era
é agora
outra coisa

Para que se possa experienciar um poema é necessário habitá-lo, durante certo tempo; e então perceber suas amarrações e conectar seus elementos por uma arbitrariedade que, ao longo deste processo de associação, mostra o seu sentido. Por estas razões a deriva interessa a este trabalho: pelo jogo que faz, inextrincavelmente, entre o sentido e o arbitrário; assim como pelas relações que se podem estabelecer quando um corpo se coloca à deriva, em campo. Ainda, a deriva nos interessa pela sua relação *com o espaço, no tempo*, através de um caminhar.

Para derivar, ou para que se experiencie um poema, é necessária certa escuta ao que não salta aos olhos – mas que inevitavelmente está presente. Aqui podemos lembrar do que Sigmund Freud coloca ao dizer do infamiliar (2019 [1930]) – isso que parece estranho, mas cuja percepção em si diz, já, de algo muito íntimo. O psicanalista coloca, por este e outros textos, as pistas de um processo de escuta a ser retomado por Jacques Lacan (1998 [1956]), quando este se dedica a pensar a mensagem como um mediador, desviante, das relações entre emissor e destinatário.

Há algo, neste jogo de mediação, que remete ao funcionamento de um eco. Em termos práticos, o eco consiste em uma reflexão do som, a qual chega à percepção de um receptor com certo atraso em relação ao som inicialmente produzido. Desnecessário talvez será lembrar que, no funcionamento do eco, este que é o receptor do som refletido era, também, o emissor deste mesmo som, antes da sua reflexão. O fenômeno, neste contexto, parece relacionado a um encontro com um outro em si.

Não se trata, portanto, quando pensamos por essa via, de dizer de uma escuta apenas do que surge, mas também de seus ecos; das ressonâncias desta em um *corpo* que, a partir da escuta, vibra e se desloca. Serve o corpo de que se fala aqui – sendo talvez irrelevante neste momento se sua condição é pessoal, teórica, narrativa ou de significantes – para que tome lugar, nesta análise, a dimensão perceptiva daquilo que, desde um ato ou gesto, *retorna* por uma condição já diferente.

A este ponto podemos associar, em primeiro lugar, uma maneira *poética e disposta à escuta* – a qual, conforme Jean-

Luc Nancy (2002) destaca, dedica-se a perceber as ressonâncias que se fazem, como em um funcionamento de eco, *de si a si*. Ainda, a uma maneira que trabalha a partir de uma ecologia, disponível a perceber as reverberações de sua prática cuja localização ou balizamento são incertos – e, por este motivo mesmo, surpreendente.

Este termo, *ecologia*, tem origem relativamente recente, apesar de referenciar e nomear práticas que, nas interpretações de hoje, antecedem sua gênese. Os diversos usos do conceito, que decorrem desde o século XIX, momento em que os escritos do cientista Ernst Haeckel (1866) o registram oficialmente, referem-se a uma maneira de entender que exige, desde pronto, certa interdisciplinaridade. Dos vários referenciais que podemos citar para explicar a ideia de ecologia, assumimos o trabalho de Félix Guattari como aquele que parece aproximar mais este conceito ao que se quer dizer aqui. Em *As Três Ecologias* (2001 [1989]), o filósofo e psicanalista parte de uma análise multifacetada da realidade em que escreve para fazer a proposta de uma *ecosofia*, que torna perceptíveis as relações intrínsecas entre as dimensões de uma leitura do mental, de

um contexto social e de um meio ambiente³. Como síntese da sua lógica, o autor dirá:

Fazer emergir outros mundos diferentes daquele da pura informação abstrata; engendrar Universos de referência e Territórios existenciais, onde a singularidade e a finitude sejam levadas em conta pela lógica multivalente das ecologias mentais e pelo princípio de Eros de grupo da ecologia social e afrontar o face a face vertiginoso com o Cosmos para submetê-lo a uma vida possível — tais são as vias embaralhadas da tripla visão ecológica. (GUATTARI, 2001 [1989], p. 52-53)

Indo por estas vias, podemos inferir que trabalhar com as perspectivas do conceito de ecologia nos leva além de uma noção simplificada – relacionada, por exemplo, a um meio ambiente restrito às condições ecossistêmicas, de uma biodiversidade – e nos direciona a que, de certa maneira, percebamos a complexidade inapreensível das conexões subterrâneas que este campo pode estabelecer. Isto é dizer: há uma exigência, aí, a que percebamos mesmo as condições deste meio ambiente enquanto algo que advém do contato com as outras instâncias que aí se intrometem.

Isso reivindica que, quando tratamos sobre uma ecologia, ainda que estejamos nos domínios de um meio ambiente, não a tomemos de maneira restrita e puramente biológica, conforme se poderia depreender a partir de uma leitura hegemonicamente estabelecida. Tal ideia fica mais presente no trabalho de Bruno Latour, intitulado *Políticas da Natureza* (2004 [1999]), em que o autor pretende estabelecer relações, em um mesmo plano, entre os termos *oikos*, *logos*, *physis* e *polis*. Ao trabalhar a partir de uma ecologia (*oikos* + *logos*), Latour mostra a inevitável relação entre as dimensões de uma natureza (*physis*) e de uma política (*polis*), muito em diálogo com suas produções anteriores a respeito de uma inventada modernidade (1994 [1991]). Neste outro momento, Latour tomará a política e a ciência não enquanto instâncias simétricas, mas consubstanciais e inseparáveis, que se confundem a ponto de ser impossível, por exemplo, determinarmos a essencialidade de uma Ciência⁴. Neste ponto surge a importância de uma ecologia que, pela dimensão *lógica* que traz consigo, sabe ser um estudo fadado a uma dimensão dos *fatos*, mas, também, de *valores*: ambos termos de que o autor se utiliza com o intuito de fazer perceptí-

vel também sua inseparabilidade – já que mesmo uma descrição de fatos carrega, consigo, uma dimensão moral e normativa: “o que é define o mundo comum e, portanto, tudo o que *deve ser*”. (LATOUR, 2004 [1999], p. 363, grifos do autor) Mais além, Latour conclui:

Todas as -logias, -grafias, -nomias, tornam-se então indispensáveis, prestam-se a propor constantemente ao coletivo novas versões do que poderia ser [...]. A ecologia política marca a idade de ouro das ciências sociais, libertadas, enfim, do modernismo. (2004 [1999], p. 365)

A relevância deste conceito se refere, para o autor, mais a uma consideração do fracasso que se segue a qualquer tentativa de apresentação neutra de uma instância – o qual comumente uma ciência comprometida com certos ideais de uma paradigmática procura “superar”, supondo este um horizonte alcançável.

É neste sentido que a ecologia que se trabalha aqui é colocada pela via de uma incerteza e de, conforme já vimos, de um fracasso. Latour dedica a produção do livro supracitado à Isabelle Stengers – que, também em uma via conforme a que to-

mamos aqui, constrói um pensamento sobre a ecologia e a poesia em um texto breve e instigante chamado *A proposição cosmopolítica* (2018 [2007]). Ali, a autora retoma algumas ideias de uma ecologia política para salientar as potências de um saber que se autoriza, à revelia de certa *expertise* científica, a se construir de maneira pública e coletiva, a partir de implicações constituídas no valor de sua singularidade. Proposição esta que harmoniza ao que, em outros textos, Stengers nos dirá através da ideia de uma ecologia das práticas – e que encontra um personagem conceitual na figura do idiota. Para Stengers, o idiota seria como um mediador que oferece um interstício aos modos de um saber que se possa supor já estabelecido. Ela dirá, sobre o primeiro:

sua eficácia não está em desfazer os fundamentos dos saberes, em criar uma noite onde todos os gatos são pardos. Nós sabemos, existem saberes, mas o idiota pede que não nos precipitemos, que não nos sintamos autorizados a nos pensar detentores do significado daquilo que sabemos. (STENGERS, 2018 [2007], p. 444)

Trilhando estes caminhos, a cosmopolítica, na maneira como Stengers a constrói, pa-

rece querer nos dizer que nosso agir tem repercussões – nem sempre visíveis – em contextos que escapam às possibilidades da nossa compreensão. Para a autora, portanto, há certa problemática a partir daí, sendo uma tarefa delicada a de fazer legítimas as produções discursivas de um saber que não se encontra formalizado nos registros bem-estabelecidos de um *status-quo* – e que talvez por este motivo mesmo tome sua importância. Estes saberes, a pensadora os caracteriza enquanto um sussurro, proferido pelo idiota e cuja percepção requer uma disposição à atenção.

Ao chamar a atenção para certa posição de escuta aos registros das dimensões aparentemente secundárias de um saber (mas que assim se leem justamente em função de certa hegemonia situada de acordo com a arbitrariedade de algumas convenções), Stengers nos abre a possibilidade de estabelecer um paralelo – entre a premência dos reposicionamentos em uma sistemática aparentemente já-estabelecida (que se nos colocam pelas vias de uma cosmopolítica sustentada por uma ecologia) e as reinvenções que se podem fazer no campo de uma gramática, pela poesia.

Pois se – conforme o que Stengers, junto a Pignarre, afirmará em outro momento (2005) – tomamos os meios de produção de um capitalismo enquanto uma sistemática que mostra seus pontos cegos pelas vias de uma pragmática (e cujas formas, inclusive algumas de uma ciência, se colocam já capturadas por certos moldes a serviço desta produção), podemos tomar os processos de escritura e de leitura de uma poesia para pensar os acontecimentos de enunciação⁵ que subvertem as sistêmicas já estabelecidas de uma gramática.

é necessário

um que outro desvio

à linha

para que esta possa

fazer costura.

Ao não-saber que se coloca pela maneira de pensar uma ecologia poderíamos associar, consonantemente, o caráter de indecidibilidade do sentido de um poema. Nesta direção, retornemos aos dizeres de Guattari, quando fala sobre

A ambiguidade, por exemplo, de um texto poético que a um só tempo pode transmitir uma mensagem, denotar um referente, funcionando essencialmente sobre redundâncias de expressão e conteúdo [...]. Também encontramos essa ecológica operando na vida cotidiana, nos diversos patamares da vida social e, de forma mais geral, a cada vez que está em questão a constituição de um Território existencial. (GUATTARI, 2001 [1989], p. 29)

Pensemos um pouco mais sobre as potências destas conexões.

Em *Linguística e Poética* (2005 [1960]), Roman Jakobson fala sobre a função poética, conceitualizando esta como aquilo que se relaciona à própria mensagem entre um emissor e um receptor. Neste e em outros momentos (1978 [1976]), o autor estabelece a função poética nesta relação entre o som e o sentido, entre o seletivo e o combinatório, para salientar a potência

que se apresenta, pela poesia, de dissociarem-se as associações *a priori* entre os elementos de um discurso e suas possibilidades de significação. Para além de uma dimensão informativa, à função poética creditaríamos, portanto, uma dimensão metalinguística, interpretante do contexto e que, por essa convocação a um *fora da linguagem*, inevitavelmente exige reestruturas à última.

O poético contradiz a ordem esperada, introduzindo elementos de desvio, *atos*⁶ cuja relação com aquilo que *atualizam*⁷ é perceptível por esta atualização mesma. A função poética deixa ver a dimensão de *acontecimento* do que escapa à captura da linguagem e que, por este transbordamento, *hackeia*⁸ os códigos predefinidos de uma gramática – não raro por meio da mesma gramática. Permite, assim, que um desejo se diga – mas enquanto quase, porque no momento em que se diz é, já, *outra coisa*. Uma parte inaudita do discurso irrompe e se torna perceptível à medida que o ato, enquanto significante desviante, deixa um resto: faz perceber um quase-totalmente-significado, que serve de rastro ao que se produzirá depois – que ressignificará a identidade do que se colo-

cou antes, e assim incessantemente⁹. O poético, neste jogo com o desejo, se aproxima do impossível pela via de uma tentativa, jogando exatamente com a falibilidade desta tarefa¹⁰.

Inevitável lembrarmos, neste momento, das colocações que Jacques Derrida (2013 [1967]) faz sobre a desconstrução. O autor situa este processo em conexão com uma *poïesis* e, de maneira análoga, a um desmonte: sem um método predeterminado que o caracterize de forma definitiva. Oferecendo mais pistas a respeito do que irrompe de maneira inédita e de suas potencialidades *subversivas*, Derrida (2007 [1980]) nos apresenta ainda o conceito de *destinerrância*, colocando-o como um endereçamento permeável ao desvio e comprometido com este de tal maneira que está fadado a não atingir, jamais, seu ponto final.

É possível concebermos o fim definitivo das possibilidades de significação de uma narrativa?

lança-se a peça

o primeiro ato

os discursos em profusão

os corpos em mistura anômala

sem órgãos

(toda peça

é um pedaço

de tempo)

278

até

o intervalo entre o primeiro

e o segundo

atos

uma quebra

(seria esse

"meio"

o desvio?)

até

o novo início

dois

que só se sabe

279

pelo movimento

(atriz se move,

o olho captura)

toda trajetória

tem uma autoria

(o que move a autoria da trajetória?).

Há sempre um resto, no dizer, que se evidencia e faz rastro no fracasso que se segue à tentativa de *se situar*. O poético brinca com estes elementos, propondo um jogo com o desejar¹¹ ao deslocar aquilo que se pretendia da palavra antes de seu acontecimento. Propicia-se, pelo poético, não só um desvio de sentido, mas um sentido disposto ao desvio, porque se sabe fadado ao fracasso. Algo parecido com o dizer de uma palavra que espera pelas reverberações da mesma, em um intervalo de indecidibilidade sustentável pela lógica de um eco; pelas inevitáveis mudanças de perspectiva de uma prática de deriva.

Espero terem ficado presentes, ao longo deste trabalho, as relações entre poesia e ecologia – as quais, penso, deve se dar mais pela via pragmática do que pela justificativa teorizada de sua existência. Por este motivo, encerro este texto aqui, apesar dos inúmeros deslindes que se poderiam seguir por estas letras desde essa associação.

Notas

¹ O conceito de cidade aqui colocado pretende remeter a um sentido mais amplo do que aquele restrito ao de “espaço ao ar livre” ou “organização de uma malha urbana”. Junto aos trabalhos de Palombini (2007) e Choay (1994), entendo este conceito buscando sua relação com a ideia de uma *polis*: palco ou arena de encontros, relações e confrontos.

² Lembremos por um instante das colocações de Saussure a respeito de uma arbitrariedade do signo (2012 [1970], p. 108-110) para afirmar que a relação entre o significante e o significado se estabelece sempre capturada por uma sistemática a partir da qual, pelas conexões como os outros elementos de um contexto, se determina um valor singular.

³ Guattari procede esta diferenciação trabalhando, de maneira densa e contundente, cada uma das formas apresentadas. O autor, quando fala em uma ecologia mental, faz severas críticas em relação ao trabalho em conexão com as lógicas do capital e à maneira como alguns saberes “psi” referem-se ao inconsciente e à consciência, propondo reinvenções desta relação. Ao deter-se sobre uma ecologia social, Guattari retoma o primeiro ponto para nos direcionar à premência de que pensemos, desde aí, os aspectos pelos quais compomos nossas relações e constituímos os balizamentos de nossa sociedade. Neste ponto, o autor esclarece: “não se trata aqui de propor um modelo de sociedade pronto para usar, mas tão-somente de assumir o conjunto de componentes ecosófico cujo objetivo será, em particular, a instauração de novos sistemas de valorização” (2001 [1989], p. 48-49). Neste sentido, o autor vai entender o ambiente também como sistemática produzida a partir deste tensionamento existencial, intermediado por temporalida-

des humanas e não-humanas. Ele dirá, encaminhando-se a um encerramento de seu escrito: “é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do socius em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época” (p. 55).

⁴ O autor usa a letra maiúscula para diferenciar esta de uma ciência à linha de um multinaturalismo que, consoante à proposta de Viveiros de Castro (2018 [2009]), entende a pluralidade de seus pontos de conexão e de suas perspectivas possíveis.

⁵ Talvez ao invés de enunciações possamos dizer de *proposições*, junto a Latour (2004 [1999], p. 153), pensando estas para considerar os agenciamentos não-humanos neste processo.

⁶ Intimamente ligado a tais conceitos, situo o que Jacques Lacan (2018 [1967-68]) nos coloca a respeito de um ato analítico. No contexto desta produção, o psicanalista amplia o conceito de ato ao tomar este como um desvio: uma operação que institui novos possíveis - e que, por este funcionamento mesmo, funda um fato ao resignificar a identidade do conteúdo precedente. O psicanalista traz ainda os planos poético e sexual de um ato para dizer deste enquanto um acontecimento singular que altera uma cadeia de significantes sem rompê-la totalmente, mas *desviando-a*, mantendo uma conexão enquanto *significante desviante*. Pelo ato, há um movimento que acontece sem que sua instância operadora tenha um plano prévio sobre seus efeitos - tal movimento depende, invariavelmente, de uma instância outra que o reconheça, o inaugure e, assim, o complete.

⁷ Gilles Deleuze (2011 [1968]) coloca, acerca dos processos de *atualização e virtualização* que o que é

atual está em processo dialético com um virtual, que concerne ao campo do que *não é realizado e tampouco realizável* até o instante de sua atualização. A atualização, neste enredo, seria um processo de *acontecimento* do que se encontrava em um plano do virtual (e era imperceptível até então). Este acontecimento, por sua vez, modifica as propriedades do que é atual ao reconfigurar a identidade e as possibilidades desta instância, em um jogo com um processo de virtualização.

⁸ A figura do *hacker* toma importância nesta interseção entre poesia e ecologia por representar, em um contexto do contemporâneo, um operador do processo de denunciar, por sua forma singular e pragmática de operar, os problemas ou os pontos em que uma sistemática não cumpre de maneira total sua função. Diz-nos um grupo de autoria anônima: “A figura do hacker se opõe, ponto por ponto, à figura do engenheiro, quaisquer que sejam as tentativas artísticas, policiais ou empresariais de a neutralizar. Enquanto o engenheiro captura tudo o que funciona, e isso para que tudo funcione melhor a serviço do sistema, o hacker se pergunta ‘como é que isso funciona?’ para encontrar as falhas, mas também para inventar outras utilizações, para experimentar. Experimentar significa, então, viver o que implica eticamente esta ou aquela técnica. O *hacker* vem arrancar as técnicas do sistema tecnológico, libertando-as”. (COMITÊ INVISÍVEL, 2016 [2014], p. 151). Indo nesta direção, podemos pensar em algumas considerações acerca do pragmatismo a partir das colocações de Stengers e Pignarre (2005) sobre as formas de leitura do sistema capitalista.

⁹ Neste sentido, aproxima-se a psicanálise de um fazer poético a partir do que escreve René Passeron (2001) sobre uma poianálise - sustentada em (e que joga com) o que irrompe de maneira inédita.

¹⁰ Talvez seja propício relacionarmos essa tentativa à do personagem mitológico Ícaro, que se vê perdido e capturado ao labirinto de Creta junto ao seu pai, Dédalo - sendo o último responsável pela projeção e construção da maravilha arquitetônica, cuja infalibilidade se mostra ao superar as aptidões de seu próprio idealizador. A fim de sobrevoar esta estrutura e assim escapar de seus domínios, pai e filho montam asas a partir da cera de mel de abelha e de penas de pássaros diversos. Antes da jornada, Ícaro é alertado por seu pai a que não voe muito próximo ao sol, ou ao mar, para que suas asas não se derretam ou se tornem pesadas. Sabemos do trágico fim dessa história, que se coloca pela via de um fracasso e da queda - e que serve aqui, talvez, para que pensemos aquilo que precipita do dizer.

¹¹ Em um seminário intitulado *A identificação* (2018 [1960-61]), Lacan coloca o desejo e a demanda em paralelo, através da figura de dois toros, a fim de nos trazer a inacessibilidade entre um e outro. A última se coloca na superfície das formas representadas, enquanto aquilo que aparece; já o primeiro se mantém enquanto instância incapturável, cuja tradução em demanda compromete, já, qualquer fidedignidade àquilo que o constituía inicialmente. Buscando um paralelo entre as ideias de uma psicanálise e de uma esquizoanálise, podemos pensar que há algo que o desejo traz de indeterminável; e que há algo, ao mesmo tempo, que se se associa a partir do desejo. É indo por esta via do *entre* que pretendemos pensar as possibilidades e os limites das significações de um ato. Pois, quando Lacan diz que “é precisamente porque o desejo é articulado que ele não é articulável” (LACAN, 1995 [1966], p. 804), parece estar sempre implícita e inevitável a articulação a uma instância outra, *em relação à qual* precisa se associar ou agenciar, pela via do que Deleuze e Guattari (2010 [1972]) nos dirão, a partir de uma produção desejan-

te. A respeito desta interlocução entre os autores, sugiro os trabalhos de Peixoto Junior (2004) e Judith Butler (1987, p. 184-217). Essa problemática, colocada *enquanto tal*, não pretendendo resolvê-la, mas apostando na potência que pode oferecer a suspensão de sua definição.

Referências

BUTLER, Judith. *Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France*. Nova York: Columbia University Press, 1987.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais*. São Paulo: Ubu Editora, 2018 [2009].

CHOAY, Françoise. A história e o método em urbanismo. In BRESCIANI, Stella (Org.). *Imagens da cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo: Marco Zero, 1994, p. 13-27.

COMITÊ INVISÍVEL (2014/2016). *Crise e insurreição: aos nossos amigos*. Tradução de Edições Antipáticas. São Paulo: n-1 edições, 2016 [2014].

DEBORD, Guy. *Théorie de la Dérive*. In *Internationale Situationniste*. Paris, 1958. Versão digital em disponível em https://monoskop.org/images/a/af/Internationale_situationniste_2.pdf.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1968 [2011].

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O Anti-Édipo*. São Paulo: Editora 34, 2010 [1972].

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013 [1967].

DERRIDA, Jacques. *Cartão postal: de Sócrates a Freud*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2007 [1980].

FREUD, Sigmund. *O Infamiliar*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019 [1930].

GUATTARI, Felix. *As Três Ecologias*. 1ª versão eletrônica. Campinas: Papirus, 2001 [1989].

HAECKEL, Ernst. *Generelle morphologie der organismen*. Berlin: Georg Reimer Editor, 1866.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Ed. Cultrix, 2005 [1960].

JAKOBSON, Roman. (1976/1978). *Six Lectures on Sound and Meaning*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1978 [1976].

JUNIOR, Carlos Augusto Peixoto. A lei do desejo e o desejo produtivo: transgressão da ordem ou afirmação da diferença? *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 109-127, 2004.

LACAN, Jaques. O Seminário sobre "A Carta Roubada". In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998 [1956].

LACAN, Jacques. *L'Identification*. Staferla, 2018 [1960-1961]. Versão digital disponível em <http://staferla.free.fr/S9/S9%20L'IDENTIFICATION.pdf>.

LACAN, Jacques. Comentário falado sobre a Verneinung de Freud. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995 [1966].

LACAN, Jacques. *L'Acte Psychanalytique*. Staferla, 2018 [1967-1968]. Versão digital disponível em <http://staferla.free.fr/S15/S15%20L'ACTE.pdf>.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34, 1994 [1991].

LATOUR, Bruno. *Políticas da natureza*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004 [1999].

NANCY, Jean-Luc. *À L'Écoute*. Paris: Editions Galilée, 2002.

PALOMBINI, Analice de Lima. Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade. In *Contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PASSERON, René. Por uma Poïanálise. In SOUSA, Edson Luiz André; TESSLER, Elida; SLAVUTZKY, Abrão (Org.). *A invenção da vida: arte e psicanálise*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Versão brasileira de 1970. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012 [1970].

STENGERS, Isabelle; PIGNARRE, Philippe. *La sorcellerie capitaliste*. Paris: Editions La Découverte, 2005.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, p. 442-464, 2018 [2007].